

ÊXITO INTERNACIONAL
NOMEADO PARA O EDGAR AWARD

«UM
VERDADEIRO
PAGE-TURNER.»

Kirkus Reviews

RAPTADAS

Duas meninas desaparecidas.
Uma mulher enterrada viva.
Décadas de segredos por desenterrar.

JESS LOUREY
AUTORA BESTSELLER DA AMAZON

TOP
SEL
LER

*Este livro é dedicado à genial, afável e divertida
Jessica Tribble Wells, que disse: «Olha lá, queres
escrever um conto?», convidando assim a Van e o
Harry a entrar neste mundo.*

PRÓLOGO

Julho de 1980
Leech Lake, Minnesota

O Sol sorria implacável no céu, fazendo com que o alcatrão por baixo dos *Adidas* de riscas azuis de Rue cintilasse e latejasse. Ela limpou o suor que lhe escorria pela cara e pensou quanto tempo faltaria para chegarem ao bálsamo gelado do riacho.

Amber, aparentemente imune ao calor, começou a saltitar.

— Um, dois, salta, e depois — cantarolou, sacudindo os caracóis cor de caramelo. Trazia um conjunto de verão axadrezado em tons de rosa-pastilha-elástica, que Rue achava ser a roupa mais bonita que já tinha visto. — Três, quatro, vamos ao teatro!

As três meninas desataram numa gargalhada.

A cantilena não era bem assim, mas andava lá perto. Ou talvez fosse ainda *melhor* assim. O Prof. Ellingson, que dava ginástica à turma do terceiro ano de Amber e Rue, obrigara-as a dançar aquela música no último dia de aulas. Desde então que elas gozavam com a situação. Lily não sabia ao certo do que as duas raparigas mais velhas estavam a falar, mas gostava de ser incluída.

— Já posso comer a minha sandes? — perguntou, quando o riso esmoreceu.

Rue olhou de relance para Amber, tentando perceber se ela tinha ficado aborrecida com a pergunta de Lily. Por ela, não teria

convidado a irmã mais nova, mas a mãe insistira. Dissera que precisava de descansar e que Rue seria uma querida se tomasse conta de Lily por umas horas. A mãe andava sempre cansada desde que o pai saíra de casa. Dizia que tinha ficado com a melhor parte dele — um cheque de duas em duas semanas —, mas as auréolas roxas à volta dos olhos desmentiam-na.

Rue tinha aceitado, mas de uma forma arrogante para que a mãe soubesse o que lhe custava arrastar uma pirralha de 5 anos para uma aventura com Amber Marie Kind, a rapariga mais bonita e mais popular do terceiro-quase-quarto-ano. Rue pôs de parte o macacão cor de ameixa de Lily, o preferido dela, e preparou o almoço a dobrar para que a mãe não tivesse de se levantar da cama. Duas sandes de mortadela em pão branco (mostarda e alface na dela, maionese na de Lily), dois pacotes pequenos de *Fritos*, um pacote de sumo para cada uma, e duas maçãs vermelhas para o caso de a mãe pedir para ver o que levavam no saco de papel.

Lily andava a suplicar para comer a sandes desde que tinham saído de casa, alternando o pedido com as coçadelas no penso amarelo-vivo que trazia no joelho. O penso cobria duas picadas de mosquito, uma ao lado da outra, e que tinham inchado. Rue não acreditava que o penso se aguentasse dentro de água, mas podia ser que sim. Nem queria acreditar que ia finalmente nadar em Ghost Creek, e com *Amber*.

Os pais de Amber eram as pessoas mais ricas de Leech Lake. O pai era cirurgião cardiovascular em Minneapolis e a mãe agente imobiliária ali mesmo, na localidade. A mãe de Rue achava assombroso que o senhor doutor e a Sra. Kind, apesar da sua fortuna, fossem pessoas tão *terra a terra*.

Pessoas normais como a gente.

A mãe tinha dito aquilo no início do verão, depois de a Sra. Kind ter levado Amber lá a casa pela primeira vez para brincar com Rue. Porque é que, por obra e graça de Deus, Amber, com a sua pele alva e os seus caracóis dourados, quisera passar tempo com ela, Rue não sabia explicar, mas esperava que aquilo durasse

até a escola começar para que os seus colegas pudessem ver que eram amigas. Mesmo que isso não acontecesse, mesmo que fosse apenas uma amizade de verão, Rue teria sempre o colar que Amber lhe oferecera. Levou a mão ao pedaço de metal, que sentiu quente contra a pele. A parte da frente era a metade de um coração vermelho esmaltado, com dois cristais que brilhavam como diamantes no canto mais volumoso. Atrás, a palavra «Melhor» estava gravada por baixo das iniciais de Rue. A metade de Amber era idêntica, só que a dela dizia «Amiga» e, por baixo, «AK».

— Não vais comer já a sandes, mas podes comer a maçã — disse Rue num to firme.

Quando Lily estendeu a mão, Rue vasculhou o saco de papel que já tinha a parte de cima amarrotada e manchada de suor. O interior cheirava a alface quente.

Aposto que a lancheira da Strawberry Shortcake da Amber não cheira mal.

Aposto que até tem uma garrafa térmica lá dentro para manter a bebida fresca.

As sandálias de madeira *Dr. Scholl's* de Amber a baterem no alcatrão pegajoso marcavam o ritmo dos seus pensamentos.

Clic, clap. Clic, clap.

Rue agarrou na maçã e entregou-a à irmã. Lily aceitou a fruta, que já estava meio quente, e torceu o nariz logo antes de dar uma dentada, passando depois as costas da mão pela boca enquanto mastigava. O anel de rebuçado *Ring Pop* de cor rubi refletiu a luz do Sol antes de se prender no cabelo de Lily, uma parte do qual já se tinha soltado das tranças, apesar de ter sido Rue a prender os elásticos de cabelo com padrão tipo mármore.

Rue descolou o anel enquanto caminhavam, espreitando para Amber na esperança de que ela não tivesse reparado. Por vezes, Lily irritava a irmã, mas para pirralha do jardim de infância não era má de todo, e a verdade era que, como a mãe estava sempre a dizer, agora eram as três contra o mundo.

— Falta muito? — perguntou Lily, contorcendo-se por receber tanta atenção da irmã.

— Estamos quase a chegar — disse Rue. Soltou a irmã e ajeitou a parte de baixo do fato de banho, que se tinha arrepanhado no meio das nádegas. Lily perguntara se deviam levar os fatos de banho vestidos ou num saco. Rue tinha dito para irem com eles vestidos. Esperava não estar errada. — Acho que é depois daquelas árvores.

— Sim — confirmou Amber, acenando alegremente com a cabeça, ainda aos saltinhos.

Clic, clap. Clic, clap.

O riacho — ou «reacho», como dizia Amber, entre risadas — ficava na ponta da sinuosa Elm Street, onde Amber morava. Rue, Lily e a mãe viviam na outra extremidade. Este lado parecia um planeta diferente. As casas eram enormes e limpas, os relvados mais pareciam campos de golfe. A zona de Rue e Lily não era má, mas as casas não pareciam novas, apenas grandes. O avô de Rue tinha construído a casa delas, e deixara-a à mãe em herança. O testamento não contemplava dinheiro, mas o preço que pagavam para ficar e manter aquele casarão velho era o mesmo que pagariam pelo aluguer *da merda de um armário de vassouras na cidade*.

Pelo menos, era o que dizia a mãe de Rue.

— A piscina natural é ali. — Amber apontou em frente, conduzindo-as para além do alcatrão pegajoso, até à vala que marcava o fim da Elm Street. Ou o começo. Rue supôs que isso dependia do ponto de vista.

As três pisaram a erva poeirenta, deram alguns passos em frente e, sem proferir uma palavra, pararam na orla da floresta. As folhas verde-escuras das copas das árvores entrelaçavam-se numa promessa de sombra fresca, e Rue pensou ter ouvido o burburinho da água mais à frente. Ainda assim, sentiu que algo a empurrava para trás.

Apesar de estar a derreter com o calor, recusou-se a entrar no bosque sombrio.

Deu meia-volta. Atrás delas apresentava-se uma cena tão perfeita, que parecia saída de um filme: uma sucessão de casarões

glamorous; alguns veículos cintilantes estacionados nas entradas, nem uma moessa ou ponta de ferrugem à vista; uma fileira de postes telefônicos castanhos novos, como sentinelas com fios a ligá-los entre si, cada vez mais pequenos quanto maior era a distância, até que Rue se imaginou a fazer uma pinça com os dedos e apertar o topo dos postes.

Algures, um cão ladrou.

Virou-se novamente para encarar a boca faminta da floresta. Um caminho serpenteava pelo meio, estreito como uma língua. As três balançavam numa borda aguçada, o mundo refulgente e familiar atrás, um conto de fadas desconhecido à frente. Rue estremeceu, apesar do calor, ao pensar nas histórias do Homem de Borracha a avançar encurvado e aos saltos pelos bosques, histórias que a mãe dizia serem tolas, mas que ali, na orla da floresta, pareciam demasiado *reais*.

Amber devia sentir o mesmo, porque não deu um passo além da vala, limitando-se a ficar parada a olhar para a floresta densa. O caminho parecia chamar por elas, para saírem do sol escaldante e entrarem na frescura; mesmo assim, Amber e Rue não se mexeram. Foi Lily quem finalmente as puxou para a frente, descartando a maçã para poder agarrar a mão de cada uma delas.

— A última a chegar ao riacho é um ovo podre!

O seu entusiasmo quebrou o feitiço. Amber e Rue sorriram uma para a outra por cima da cabeça dela, e cruzaram a fronteira da floresta. Rue deliciou-se com a queda de temperatura contra a sua pele nua, como se tivessem aberto a porta de um frigorífico gigante. Já tinha ouvido os miúdos, a maioria rapazes, falar de uma piscina natural em Ghost Creek; que um velho pneu pendurado, colocado no ponto mais largo, servia de baloiço; que podiam atirar-se a uma profundidade tal dentro da água cristalina, que os peixes até voavam. Mas, até então, nunca ninguém tinha convidado Rue, e ela não sabia exatamente onde ficava o riacho.

Mas Amber sabia.

Pelo menos, fora o que ela tinha dito, e agora avançava resoluta como se soubesse exatamente para onde iam.

Era difícil seguirem lado a lado pelo caminho estreito, o que obrigava Rue a largar a mão de Lily quando as árvores se amontoavam demasiado perto umas das outras. Rue deixava-se ficar para trás até o caminho alargar, e depois voltava a correr para junto de Lily e agarrava-lhe a mão, grata por ter calçado ténis em vez de sandálias, para que os ramos caídos não lhe arranhassem as pontas dos pés. Teria sido mais fácil para ela ficar na retaguarda, atrás de Amber e Lily, mas percebeu que não as queria sozinhas à frente. Tinha algo que ver com a temperatura do bosque, pensou, toda aquela frescura violenta depois do sol abrasador.

Ou talvez fosse o silêncio absoluto, como se tivessem entrado numa igreja vazia em vez de numa floresta viva. Não seria de esperar ouvirem os gritos alegres de outras crianças que brincavam no riacho? Crianças como Jacob Peters? Ele convidara-a para dançar no último dia do terceiro ano. Todos fizeram sons trocistas quando ele a convidou, e depois sons de beijos. Ela detestara a chacota dos colegas, mas tinha gostado de dançar com ele. Ocorreu-lhe que também iria gostar de nadar com Jacob, talvez até conseguisse impressioná-lo com os seus saltos do pneu que servia de baloiço.

Estava a segurar na pequena mão suada de Lily e a desejar que o seu macacão cor de laranja não estivesse tão puído e com aquele ar de loja de roupa em segunda mão, quando mais uma árvore surgiu à sua frente, o seu tronco grosso e áspero. Quase tinha embatido contra ela. Acabara de largar a mão de Lily para se pôr atrás dela quando reparou que Amber estava paralisada como uma estátua, a olhar em frente, com a pele da cor de queijo fresco. Rue inclinou-se sobre a irmã para abanar Amber, pois a sua expressão era horrível, mas depois reparou também na cara de Lily.

Tinha-se fechado sobre si mesma, contorcida como uma ferida de facada.

A árvore gigantesca que tapava a vista a Rue não a deixava ver o espetáculo grotesco que tinha captado a atenção das outras duas; para tal, Rue teria de contornar o tronco. Não queria olhar,

mas sentiu-se obrigada a fazê-lo? Como podia deixá-las ali paralisadas, com aqueles esgares horríveis de medo, sem perceber o que as tinha deixado assim? Alguém seria capaz de não olhar?

Pelo que se inclinou para espreitar para lá da árvore.

Ao longe, sentiu o calor da urina escorrer-lhe pela perna.

— Hei de arranjar uma mais bonita do que tu — gemeu Amber, mas a voz não era dela.

Rue lembrar-se-ia mais tarde de Amber dizer aquelas palavras. Lembrar-se-ia de pensar que era aquele o verso da cantilena *Skip to My Lou*, não uma das suas tolices inventadas.

Seria a última coisa de que se lembraria daquele dia.

CAPÍTULO 1

Presente

Van

— Eles não se lembram do passado, sabe?

Contorci-me, afastando-me da vassoura industrial em que me tinha apoiado enquanto olhava para o canil. Era um daqueles rafeiros enormes e cheios de baba, um misto de são-bernardo e mamute-lanoso. A placa plastificada no canil dizia que se chamava *MacGuffin*, que se dava bem com gatos e que tinha sido entregue por um casal que ia ter um bebé.

— Quando os animais são adotados, esquecem-se de tudo o que ficou para trás — continuou a voluntária. Teria uns vinte e poucos anos; envergava um fato de treino cor de uva, caro e imaculado, uma expressão radiante e cheia de objetivos. Estava a falar naquele tom «prestável» que um certo tipo de mulher usa quando fala com pessoas que acredita não estarem à sua altura. Nunca faziam isso comigo quando tinha uma arma e um distintivo preso ao cinto, mas, dada a minha altura e as minhas roupas desleixadas, e o meu cabelo loiro platinado apanhado num rabo de cavalo, eu parecia agora muito mais jovem — e mais inofensiva — do que era na realidade.

Ela tinha-me confundido com alguém com quem podia brincar.

— Li isso *online* — prosseguiu. — Claro que os cães demoram algum tempo a esquecer, porém, quando são adotados, a memória da sua antiga família acaba por ser apagada. Eles aprendem a amar quem os leva para casa.

— Se alguém os adotar — corrigi, olhando para o cachorro grisalho.

No Refúgio para Animais de Minneapolis, os animais não eram abatidos, por isso o *MacGuffin* viveria ali o tempo que fosse necessário. Mas não seria fácil para ele. Teria comida e água, o canil seria limpo uma vez por dia, e se houvesse um número suficiente de voluntários como eu, teria direito a ser passeado, mas os latidos e os miados assustados continuavam a ser uma constante. E o cheiro também devia ser mau. Já não era fácil para os humanos, que só conseguem detetar o cheiro a urina e fezes, quanto mais para um cão ou um gato, animais que conseguem discernir as mensagens inerentes a esses cheiros. Devia ser uma tortura.

— Oh, ele vai ser adotado! — disse a mulher, mantendo o sorriso. O seu cabelo acobreado, pintado à séria por um profissional, estava tão densamente amontoado no cimo da cabeça, que só podia ter extensões. Um penteado daqueles perturbaria certamente um local de crime. — Não vais, *MacGuffin*? Vais ser adotado, não é verdade? — A enorme cauda do cão deu uma sacudidela e ele piscou os olhos reumáticos. — Parece que acabou de ser passeado — continuou ela, batendo com a unha no cartaz. — Talvez devesse escolher um cão diferente.

— Talvez devesse meter-se na sua vida — disse eu, num tom ligeiro, como se estivesse a dar-lhe indicações num bairro desconhecido. Tinha esgotado a minha pouca paciência. Pior do que ter um estranho a dizer-me o que fazer era descobrir que partilhava uma filosofia de vida com alguém que usava *leggings* de ioga de duzentos dólares.

O melhor é esquecer.

Era como se ela tivesse lido a minha mente.

Fungou e virou costas, à procura de outra pessoa para orientar. Fiquei a vê-la afastar-se. Tinha-me inscrito para um turno noturno

de quatro horas. A forma como passava esse tempo só a mim dizia respeito. Havia dias em que apanhava cocós no gatil antes de arrastar um cordel pelo chão para os gatinhos gastarem a sua energia. Noutras alturas, substituí a forragem com aroma a cedro nas gaiolas de *hamsters*, ratos, coelhos e porquinhos-da-índia. Uma tarde, cheguei mesmo a exercitar um porco-espinho albino.

E na maior parte dos dias?

Na maior parte dos dias brincava com os cães grandes depois de me certificar de que as suas jaulas estavam imaculadas.

Em miúda, tinha tido um rafeiro — pelo menos pensava nele como meu — na Quinta, uma fera cor de *beagle* e com corpo de mastim a que chamei *Honeybear*. Quando os agentes federais nos tiraram dali para fora, ele foi levado numa carrinha, enjaulado, a uivar por mim. *Por isso...* Não era preciso um diploma de Psicologia para perceber a minha atração pelos cães grandes. Sussurrava-lhes enquanto os limpava. Sussurrava palavras tolas de amor. Prometia que, se fossem meus, nunca os abandonaria só porque as coisas estavam difíceis.

— Anda, *MacGuffin* — disse eu, retirando a trela do canil. — Vamos apanhar um pouco de ar puro.

Ele pôs-se de pé, arrastando-se na minha direção. Já contava oito primaveras, estava perto do fim da linha para um cão grande. Mas tinha a cauda de um cachorrinho.

— Lindo menino. — Entrei no canil e fiz-lhe festas na cabeça enquanto prendia a trela à coleira azul. Provavelmente, não precisaria de ser amarrado, mas era o protocolo. — Queres ir dar um passeio? Sim? Um passeio? — A velocidade da sua cauda duplicou. Se houvesse um vaso a menos de um metro, teria voado pela sala. — Bem me pareceu.

Verifiquei se a escova ainda estava enfiada no bolso de trás das minhas calças de ganga. Seria um prazer escovar-lhe o pelo emaranhado, limpar-lhe a sujidade dos olhos, passear com ele pelo pátio para que pudesse exercitar as articulações perras.

Estávamos a terminar a nossa segunda volta ao pátio, já o Sol ia descendo no céu, a pintar a névoa de violeta, embora o húmido

ar de julho ainda se fizesse presente, quando o meu telemóvel deu sinal de vida no bolso. Tirei-o para fora.

«Kyle K», anunciava o ecrã. O meu aprendiz. Era apenas cinco anos mais novo do que eu e tinha poucos meses a menos no Bureau of Criminal Apprehension — o BCA —, mas o superintendente-adjunto contara com o tempo que passei na Polícia de Minneapolis aquando da atribuição de mentores. Carreguei no botão para atender quando uma sirene se tornou audível; as luzes vermelhas do veículo iluminava o espaço para os cães se exercitarem a partir da autoestrada que corria paralela.

— O que se passa?

— Olá, Evangeline — disse o Kyle. Tratou-me pelo meu nome próprio, e a sua voz soava mais aguda do que o habitual. Foram os dois primeiros avisos. — Estás acordada?

— Estou a falar contigo, não estou? — As luzes desapareceram, e com elas o som da sirene.

— Não, mas acordei-te? Sei que tens feito horas extraordinárias. Podias ter-te deitado mais cedo.

Suspirei. O Kyle era um bom agente, novato e demasiado entusiasta, mas o tempo haveria de curar as duas coisas.

— Não, estou no abrigo de animais. De que precisas?

Um compasso de espera. O seu silêncio foi o terceiro aviso, que senti percorrer-me a coluna como dedos fantasmagóricos. O *MacGuffin* choramingou e puxou a trela em direção à porta do abrigo.

— Temos um homicídio na ponta norte do Warehouse District — anunciou o Kyle. — A Polícia de Minneapolis quer que passemos por lá.

Massajei o pescoço. De todos os agentes do BCA que podiam ser chamados, tinha quase a certeza de que eles estavam a fazer figas para que não fosse eu. E não devia ser, a menos que o homicídio estivesse ligado a um caso arquivado ou a equipa de investigação de mortes do BCA estivesse sobrecarregada.

— É um caso bizarro?

Ele fez um som que se pareceu com tosse.

— Nem sabes da missa a metade.

Naquele momento, o vislumbre frio de uma memória rompeu as minhas defesas. O pesadelo da noite passada. O choro de uma criança vindo de uma cave. Uma mulher num fato vermelho a descer as escadas, um molho de chaves na mão, o rosto oculto nas sombras. Detém-se diante de uma porta. Introduz uma chave. Quando a porta se abre, o choro transforma-se em soluços de pavor.

Senti um onda de arrepios explodir à flor da pele, o embate dessa recordação era semelhante ao choque de um camião de gelo.

— Estou aí em vinte minutos.

CAPÍTULO 2

Van

Consegui chegar lá em 15 minutos.

A morada que o Kyle me deu levou-me a um terreno não urbanizado a norte do Exército de Salvação, onde eu por vezes comprava roupa. No último andar do armazém havia uma loja banal, só de coisas usadas, mas na cave estavam expostas peças doadas por grandes armazéns, ainda novas e com as etiquetas. Já ali tinha encontrado umas pechinchas, tudo em preto — a minha imagem de marca — e, além disso, era fácil de estacionar por perto.

Todo o bairro — originalmente designado por Warehouse District, mas mais tarde alterado para North Loop — tinha sido um centro de comércio do Midwest no início do século xx. Grossistas e armazenistas instalaram-se no local onde a linha férrea encontrava o rio, e ali vendiam as alfaías agrícolas de que os colonos precisavam para se estabelecer. Na década de 1920, a área expandiu-se e passou a vender e a expedir de tudo, desde elixir bocal a frutos secos. North Loop assistiu ao surgimento de marcas famosas, incluindo a massa *Creamette* e os chocolates *Milky Way*, antes de passar de uma área industrial a maioritariamente residencial. Grande parte dos antigos armazéns tinha sido transformada em habitações elegantes e masculinas. Um punhado de resistentes — o Exército de Salvação, por exemplo — sobressaía como verrugas no meio das habitações de luxo.

Adorava os edifícios velhos e feios.

Os condomínios sofisticados desapareceram abruptamente quando me aproximei do local do crime, dando lugar a uma zona que não sabia bem o que queria ser. Era uma mistura de fábricas abandonadas, uns quantos apartamentos de luxo vertidos de North Loop e terrenos baldios. Três carros-patrolha e uma ambulância estavam agrupados no limite entre a cidade e a natureza. Minneapolis tinha muitos limiares difusos como aquele; mansões imponentes ao lado das silvas de um riacho, uma ciclovía que ligava uma zona comercial movimentada e uma floresta verdejante em menos de um minuto, lagos cintilantes nas sombras de arranha-céus. Tinha vivido ali metade da minha vida e ainda não estava habituada à desconexão. Tudo me parecia emprestado.

Quando saí do carro, senti a noite de verão como seda na minha pele. O Kyle estava à minha espera, no limite da linha de demarcação policial, a uns bons seis metros dos agentes que tinham acorrido ao local e da ambulância, alternando nervosamente o seu peso de um pé para o outro. O único candeeiro de rua fazia incidir a sua luz sobre o couro cabeludo por baixo do cabelo cortado rente. A camisa branca e as calças castanho-escuras estavam amarrotadas depois de um dia de trabalho, a gravata em tons de dourado e azul tão apertada que a pele se projetava por cima do colarinho. Um verdadeiro instrumento de tortura, a gravata. Só proporcionava desconforto para quem a usava e era uma ferramenta útil para os mais violentos. Já tinha perdido a conta ao número de vítimas de homicídio que tinham sido estranguladas com a sua própria gravata.

Era a razão 478 para dar graças por ser mulher.

Engoli a emoção pegajosa e salgada quando me aproximei do Kyle, uma mistura de pavor e antecipação que sentia sempre que chegava ao local de crime. O trio de agentes da Polícia de Minneapolis que estava junto à ambulância já me lançava olhares desconfiados; murmuravam entre si. Inclinei a cabeça na direção deles.

A situação só ia piorar quando percebessem quem eu era.

— O que sabes? — perguntei ao Kyle quando me aproximei dele.

— Sei que estou feliz por estares aqui. — Pestanejou rapidamente; o seu rosto cinzelado foi suavizado pelo alívio. Tinha sido patrulheiro em Plymouth, um subúrbio calmo da zona noroeste, antes de aceitar um emprego no BCA. Aquele podia bem ser o seu primeiro homicídio. Estava prestes a prosseguir quando levantei a mão.

— Quero anotar isto. — Tirei o bloco de notas do bolso de trás, mas não consegui encontrar a minha caneta preferida, aquela que escrevia lindamente. Devia ter caído no abrigo. Senti um estremecimento de culpa. Tinha sido um presente do inspetor Bart Lively, o meu antigo parceiro na MPD, a Polícia de Minneapolis. Haveria de voltar lá mais tarde para a procurar.

— Tens uma caneta? — O Kyle entregou-me uma esferográfica descartável. — Obrigada. — Ainda havia de lhe ensinar os prazeres de uma caneta a sério. — Dizias?

Ele retomou o fio à meada.

— Um vagabundo estava...

Pigarreei.

— Desculpa. Um *sem-abrigo* disse que estava a caminhar em direção ao rio.

— Para quê?

Observei o homem a que o Kyle se estava a referir. Encostara-se ao guarda-lamas traseiro da ambulância e envergava demasiadas camadas de roupas para a noite húmida. O cabelo estava quase todo enfiado debaixo de um boné cor de lama, de onde espreitavam duas ou três mechas, as bochechas encovadas. Ou não tinha dentes, ou contava com muito poucos. Reparei numa mochila preta coberta de botões e remendos por perto; provavelmente, seria dele. Ao princípio, pensei que tinha as mãos sujas, mas, quando ele se mexeu, a luz do candeeiro incidiu sobre elas, revelando que estavam vermelhas.

Sangue fresco.

— Sexo, drogas ou um sítio para dormir — disse o Kyle, encolhendo os ombros. — Ei, porque é que não o limpam?

Um dos paramédicos estava a falar com os agentes, o outro encontrava-se perto do homem ferido; trazia ligaduras nas mãos, mas não fazia tenção de lhe tocar. Tinha-me antecipado aos técnicos forenses.

— A nossa testemunha pode ter provas nas mãos.

O Kyle fez uma careta.

— Não gostava nada de estar na pele dele.

A minha atenção centrou-se no local do crime, na extremidade do terreno delimitado, talvez a uns quinze metros de distância. Um homem de fato cinzento estava ao lado de um buraco, de costas para mim. Mesmo de costas, reconheci-o. E isso fez o meu sangue ferver.

— Pois — disse eu, abrindo com o olhar buracos nas costas do homem. — Então, a nossa testemunha estava a caminhar na direção do Mississípi, e depois?

— Disse que ouviu alguém chorar.

O homem de fato cinzento virou-se. Senti um pontapé no estômago, apesar de já ter adivinhado: o inspetor David Comstock. Fiquei muito consciente da minha aparência. Tinha-me arranjado o melhor possível no caminho, substituindo a camisola amarrada pela *T-shirt* preta limpa e pelo *blazer* que guardava no banco de trás do carro. Não havia nada a fazer em relação às minhas calças de ganga rasgadas e às *Doc Martens vintage*, ambas cobertas de sujidade do abrigo.

— Choro de homem, mulher ou criança? — perguntei.

O Kyle franziu o sobrolho.

— A testemunha disse que ainda pensou que era uma criança pequena, por isso gritou por ela. Mas não conseguiu localizar ninguém. Foi então que começou a procurar num padrão em grelha...

— Padrão em grelha? — O meu olhar voltou-se para o homem magro empoleirado na traseira da ambulância. A sua mão tremeu quando levou a garrafa de água à boca. Foi mais o líquido que derramou do que aquele que bebeu. Os técnicos forenses fariam bem em apressar-se. — Ex-polícia ou ex-militar?

— Militar — disse o Kyle, e sorriu. Apagou a expressão da cara quando viu a minha. — Desculpa. Bom, ele começou a percorrer a grelha, acreditando que o choro devia vir do bosque perto do rio. Mas depressa percebeu que não vinha de lá. Vinha dali.

Apontou para o buraco no centro do local do crime, aquele sobre o qual pairava o inspetor Comstock, com terra atirada em todas as direções, como se uma matilha de cães tivesse tentado desenterrar um osso de dinossauro. Engoli em seco, embora soubesse o que estava para vir. O Kyle continuou.

— Foi então que o vagabu... o sem-abrigo percebeu que a terra naquele local era mais macia. Disse que sentiu um cheiro a vermes. Afirmou que não tinha ferramentas com ele, nem mesmo uma faca. — Senti o choque da tomada de consciência, e os meus olhos arregalaram-se. — Sim. Ele começou a escavar com as mãos. Basta olhar para elas para vermos o esforço que fez. Disse que não sabia se devia ir à procura de um telefone ou continuar a escavar a terra, mas não a podia deixar. Não depois de perceber que era uma mulher que estava ali em baixo. Enterrada viva.

Senti-me ganhar distância daquela história. Era a única forma de sobreviver ao meu trabalho.

O Kyle passou a mão pela cara. O arranhar da barba por fazer era audível.

— Ele disse que, a dada altura, a mulher percebeu que ele estava ali e gritou mais alto. Mas estava a escavar no lado errado, na direção dos pés dela, e quando se apercebeu disso, já ela se tinha calado.

O melhor é esquecer.

— Disse que ela ainda estava quente quando a encontrou — concluiu o Kyle. — Mas era tarde. Demasiado tarde.

Mal ouvi a última parte. Já estava a passar por baixo da fita de demarcação, a calçar luvas de látex e coberturas de sapatos descartáveis, enquanto me dirigia para o local do crime, com o cuidado de pisar apenas as marcas dos pneus da ambulância até ao buraco.

CAPÍTULO 3

Van

Quando trabalhei no Departamento de Homicídios com o Bart Lively na Polícia de Minneapolis, chamavam-nos a Equipa Maravilha. A nossa lendária taxa de resolução de casos era atribuída às técnicas de investigação metódicas, quase obsessivas, do Bart e aos meus palpites valiosos. Pelo menos, era isso que nos diziam na cara.

Nas minhas costas, chamavam-me bruxa. Assim que o Bart morreu, assim que deixei de contar com a proteção da sua reputação, começaram a fazer-me a vida negra.

Seria de esperar que, chegada à idade adulta, o *bullying* deixasse de ter importância. A exclusão. Mas não. Fez-me voltar à infância. Lá estava eu de novo, a rapariga das pernas tortas, com roupa cosida à mão e um corte de cabelo à seita religiosa. Por não aguentar o assédio do Departamento de Homicídios e as dores de cabeça que causava, demiti-me.

Isto foi há quase dois anos. Não tinha qualquer plano, apenas uma necessidade primitiva de fugir.

O que aconteceu a seguir foi uma treta do tipo «salta, que a rede de segurança aparece», como vemos bordado em almofadas nas lojas onde se vendem velas caras e copos de vinho que anunciam «qualquer hora é boa para um copázio»: uma vaga na

Unidade de Casos Arquivados do Bureau of Criminal Apprehension do Minnesota.

Fui contratada para a preencher.

Desde então, tinha-me dedicado quase exclusivamente à análise de dados, o que era o equivalente a um trabalho de secretária no BCA: pesquisar por telefone e no computador, corroborar, escrever autos. Uma grande mudança em relação aos homicídios, o que não me incomodou minimamente. Depois da morte do Bart, precisava mesmo de tempo para recuperar.

Mas, fazendo jus ao ditado «ao Diabo paga-se agora ou mais tarde», os meses que passei sentada à secretária significavam que aquela era a minha primeira vez no terreno em nome do BCA. Azar dos azares, o local do crime estava a cargo do inspetor Dave Comstock, o cabecilha da turba que tinha corrido comigo da Polícia de Minneapolis. Só de pensar que teria de voltar a lidar com ele, fiquei com o estômago feito num nó, mas macacos me mordam se lhe daria a satisfação de perceber o meu incômodo.

Tirei a lanterna que trazia à cintura e examinei a zona enquanto esmagava o cascalho debaixo dos pés em direção ao local do crime. A ambulância devia ter chegado mesmo à beira da sepultura antes de se retirar para o local onde estava agora. As marcas de pneus que tinha deixado eram grossas, o que podia ter apagado vestígios importantes, porém, não havia como evitá-lo. Se houvesse alguma hipótese de a vítima estar viva, os paramédicos não podiam perder tempo.

À medida que me aproximava do local, imaginei que conseguia sentir o cheiro da lama do Mississípi, uma mistura de putrefação e peixe, embora o rio estivesse a cinco ou seis quarteirões de distância. Apontei a lanterna para o lado oposto do terreno e reparei que alguém também tinha chegado ali de carro nas últimas 24 horas, quando chovera pela última vez. O assassino? Mais perto do buraco, a terra solta — cascalho poeirento à superfície, areia mais fina e depois terra preta ao fundo — estava empilhada em todas as direções, numa disposição frenética. A terra tinha tapado muita coisa, mas não tudo. Consegui ver o que parecia ser

um par de pegadas masculinas e outro conjunto mais pequeno, que emergia do local onde o veículo não identificado tinha parado. Uma pilha de tábuas de madeira serradas estava espalhada ao acaso entre o local onde o veículo parara e a sepultura.

Senti o peso do olhar do Comstock quando me aproximei, mas ainda não lhe tinha feito a cortesia de estabelecer contacto visual. Sabia o que veria. Caucasiano, sessenta e poucos anos. Cabelo ralo, que parecia sempre molhado, um rosto definido por uma papada à Richard Nixon. Um fato que brilhava nos pontos de contacto, mas que estava limpo, cobrindo um corpo que ainda tinha os contornos de um homem mais jovem.

O Comstock fingira-se meu amigo quando o Bart era vivo, dava-me palmadas nas costas no bar como se eu fosse um dos rapazes e, certa vez, até me recomendara para um louvor. Tinha feito carreira com o Bart, e qualquer parceiro do Bart seria amigo do Dave Comstock. Mas assim que o meu parceiro morreu de ataque cardíaco enquanto via o *Dateline* com um jantar pré-congelado no colo, o Comstock virou-se contra mim.

O facto de ser o inspetor responsável por aquele local do crime ia tornar a minha noite tão divertida como se enfiasse uma unha afiada no olho. A minha única esperança era que, à semelhança do Bart, o Comstock tinha a reputação de seguir as regras à risca. Não precisava de gostar de mim para trabalhar comigo. O facto de ter conseguido manter os polícias fardados fora do perímetro era promissor. Tratava-se do tipo de crime que despertava a curiosidade dos agentes; que valia duas, talvez três rodadas grátis no bar, dependendo de quanto tempo arrastassem a história.

Por cima, uma lua quase cheia banhava todo aquele cenário com um brilho líquido sinistro. Com cuidado para pisar em cima das pegadas do Comstock, olhei em volta, expandindo as buscas para lá do local do crime até à área circundante. A leste estavam os últimos três metros do terreno de cascalho, depois uma estrada de asfalto esburacada. Para lá da estrada ficava o início de um bosque, que se estendia até ao Mississípi. A oeste, a estrada por onde tínhamos entrado, ladeada por postes de eletricidade, como

se estes anunciassem a urbanização que inevitavelmente tomaria conta daquela zona. Mais atrás, os carris da linha ferroviária. A norte, uma fila de terrenos abandonados e, ao fundo, a uns oitocentos metros, erguia-se um edifício de escritórios escuro.

Um metro e meio à minha direita, em direção a sul, estava o epicentro do crime. O terreno estendia-se por uns vinte e cinco metros, seguido de outra zona vazia, ladeada por duas fábricas abandonadas, divididas por uma faixa de terreno. Os tijolos que as compunham eram cinzentos e estavam a desfazer-se, as janelas largas do terceiro andar estavam rachadas. Dava-lhes um par de anos, no máximo, até que os dois edifícios desgastados pelo tempo fossem convertidos em *lofts* milionários com vista para a linha do horizonte do centro de Minneapolis.

— Inspetor Comstock — chamei, apontando finalmente o olhar na sua direção.

Ele estava a olhar para o buraco e grunhiu na minha direção.

Não podia adiar mais. Dei um passo em frente e segui o seu olhar.

Consegui conter — por pouco — um arquejo.

Muitas vezes, os mortos parecem estar em paz, tão serenos que quase diríamos que estão a dormir. Tinha um colega na Polícia, um cretino chamado Derek, de quem poucos se aproximavam. O Derek colecionava negativos originais de mafiosos que tinham sido mortos num tiroteio. Dizia que adorava ver como até um homem que tinha tido um fim violento podia ter um ar pacífico na morte.

Não era o caso desta vítima.

Parecia ter morrido a gritar.

Estava deitada num buraco irregular com pouco mais de um metro de profundidade, escavado com largura e comprimento suficientes para que ali coubesse. Baixei-me para ver mais de perto. Uma tira de fita adesiva pendia ao lado da sua boca, coberta com o que parecia ser sangue e muco. Os olhos da vítima estavam projetados cerca de um centímetro para fora das órbitas. O seu cabelo era loiro ou castanho-claro, com mechas grisalhas; não era

a coloração prateada de aspeto dispendioso que estava na moda, mas sim a cor natural do cabelo de uma mulher com cerca de 50 anos.

Vestia calças azul-escuras e uma camisola cor de tangerina com um sol amarelo pintado à frente. Tinha os braços presos por fita ao longo do corpo, mesmo acima dos cotovelos. Os joelhos também estavam amarrados.

O cheiro acre a dejetos humanos era forte.

Pus-me de pé e iluminei com a lanterna os dois conjuntos de pegadas para leste.

— São suas?

— O que achas? — devolveu o Comstock, num tom afiado.

— Acho que seguiu o rasto dos paramédicos.

Era o que qualquer inspetor de homicídios digno desse nome teria feito. Apontei a luz para os joelhos da mulher, depois para o conjunto mais pequeno de pegadas a leste. Ou a vítima só tinha sido amarrada depois de ter sido atirada para o buraco — o que parecia improvável —, ou tinha estado outra mulher ou uma criança no local.

— Acha que estava consciente quando foi enterrada? — perguntei.

O Comstock encolheu os ombros.

— Não é da minha competência. Mas aposto que ele planeou as coisas de modo que ela acordasse, se é que não estava consciente.

Apontou a lanterna para a pilha de tábuas perto da sepultura, depois para um pequeno sulco escavado alguns centímetros acima do corpo da vítima. Era uma saliência de quinze centímetros, que percorria o perímetro da parte superior do tronco da vítima, delineando a cabeça e os ombros.

Demorei um instante a perceber para que servia aquele segundo nível.

Quem quer que a tivesse enterrado viva apoiara as tábuas no sulco para criar um pequeno compartimento dentro da sepultura, supostamente para ela ter ar suficiente para sufocar devagar,

consciente da sua morte iminente, capaz de gritar, mas ciente de que não seria ouvida.

Uma sensação fluida e quente instalou-se no meu peito. Inclinei a cabeça para as tábuas.

— Quem é que a escavou? Os seus homens ou os paramédicos?

— Ele — disse o Comstock, apontando com o polegar para trás. — O sem-abrigo.

Franzi o sobrolho. Olhei para trás, para o homem encostado à ambulância.

— Escavou a sepultura *toda*?

— Sim. Ficámos tão espantados como tu. Os paramédicos só tiveram de verificar o pulso. Morreu no local.

— Acha que foi ele que a enterrou? — A pergunta precisava de ser feita. O Comstock ficou calado por um momento.

— Não — disse, por fim, numa voz tonitruante. — E acho que ficou arrasado por não ter conseguido salvá-la. Disse que, se tivesse começado a escavar pela cabeça, e não pelos pés, teria chegado a tempo. Estás a ver as mãos do homem? Ele e a vítima combinam.

O Comstock iluminou as mãos da vítima para ilustrar o que queria dizer. Estavam paralisadas em garras, com as palmas para cima, perto dos ombros, impedidas de chegar mais alto pela fita adesiva acima dos cotovelos.

Os seus dedos eram invulgarmente curtos, com as extremidades embotadas e vermelho-escuras.

— Ela escavou até ao osso para tentar sair dali. — O Comstock era profissional ao ponto de conseguir conter o estremecimento. — Vai ser o cabo dos trabalhos conseguir impressões digitais.

Olhei para longe, e depois diretamente para o Comstock.

— Os técnicos forenses são os seus ou os nossos? — perguntei.

Ele retribuiu o meu olhar, encarando-me pela primeira vez desde que eu me aproximara. O Comstock tinha sido o pior deles todos no funeral do Bart, provocando-me, bloqueando-me o caminho quando corri para a casa de banho em busca de privacidade antes de perder o controlo e chorar a morte do meu amigo.

Perguntei-me se ele estaria a pensar o mesmo, porque desviou o olhar primeiro, como se sentisse remorsos. Pois que sentisse. Era para isso que os remorsos serviam.

— Os vossos — disse, antes de voltar a fixar a vítima.

Era o que eu tinha pensado, o que justificava a pergunta mais importante.

— Porque decidiu chamar o BCA?

CAPÍTULO 4

Van

Na década de 1920, os mafiosos da Grande Chicago, John Dillinger, Al Capone e Baby Face Nelson, usaram a paisagem do Minnesota, de Saint Paul para norte, como se fosse a sua própria estância privada. Os polícias locais estavam mal equipados para os capturar ou para lidar com a onda de crimes que eles introduziram, pelo que o governo estadual propôs a criação de uma agência autônoma, que não teria jurisdição própria. O seu único objetivo seria ajudar as autoridades estatais, a pedido destas.

Assim surgiu o Minnesota Bureau of Criminal Apprehension, ou BCA.

A agência começou por ser pequena, basicamente uma equipa móvel de apoio. Nos anos 30, cresceu e passou a incluir uma divisão de estatísticas para acompanhar e responder melhor ao crime e aos padrões criminais. Em 1947, o BCA construiu o primeiro laboratório de ciências forenses da região. Desde então, tornou-se um dos melhores laboratórios do país, conhecido pelo processamento de locais de crime e análise de provas. De lá para cá, o BCA não só acrescentou mais agentes e sucursais, como também formou várias forças de intervenção e fundou um dos primeiros departamentos dedicados a casos arquivados do país, por mais pequeno que fosse.

«Farei os possíveis por te manter no Departamento de Casos Arquivados», disse-me o Ed Chandler, o superintendente-adjunto dos serviços de investigação quando me ofereceu o cargo. «Não levantes ondas e lembra-te de manter uma boa relação com as autoridades locais. Os agentes do BCA são como vampiros: temos de ser convidados a entrar.»

O inspetor Dave Comstock tinha-nos *convidado*. Mas visto que ele trabalhava na esquadra mais bem equipada do estado, a pergunta que se impunha era *porquê*.

Em jeito de resposta, ele inclinou-se e pegou num saco de plástico que estava no chão com a delicadeza de um homem que escolhe uma sandes de pepino num chá das cinco. O facto de não guardar o saco junto ao corpo era uma indicação de que continha provas líquidas, provavelmente sangue ou tecidos, que ele não queria aquecer ou contaminar. Usou a lanterna para iluminar o saco por baixo.

Inclinei-me para a frente.

O saco de provas continha uma peça de joalharia. Uma corrente de latão, barata, que adquirira um tom castanho-esverdeado com a idade. Na ponta, um pendente. Pestanejei. Era metade de um coração de esmalte, cortado ao meio de forma artificial. Nos Estados Unidos, berloques como aquele eram populares durante um mês ou dois na escola secundária de todas as gerações de miúdos. Dava-se uma metade ao amigo e guardava-se a outra. Se fosse um presente sentimental, guardava-se até à idade adulta, e acabava numa caixinha cheia de postais do Dia dos Namorados e canhotos de bilhetes, que depois os filhos deitavam fora quando os pais morriam.

Mas aquele colar tinha um pormenor único: dois brilhantes incrustados no canto superior direito. Imitação de diamante, certamente. O resto do pendente em forma de meio coração era vermelho, a cor de tomate acentuada por sangue seco. O Comstock virou o saco para revelar a parte de trás do colar. Tinha qualquer coisa gravada, o que pareciam ser iniciais por cima de uma palavra, mas estava demasiado sujo para se perceber.

— O que diz? — perguntei.

— Não sei. — Ele olhou-me de soslaio. — Não reconheces? Abanei a cabeça.

— Não sabes *mesmo* de onde veio este colar? — insistiu, com o mesmo tom trocista de incredulidade que era seu apanágio no final do meu tempo na MPD.

Senti uma vontade súbita de lhe dar um murro. Em vez disso, mantive-me calada.

Ele ficou a olhar para mim durante tanto tempo, que me perguntei se a descrença seria genuína.

— As Raptadas? O rapto mais famoso no Minnesota depois do bebé dos Lindbergh? — Revirou os olhos. — Não me digas que nunca ouviste falar.

Se reparou que as minhas mãos se fecharam em punhos, não comentou.

— Aconteceu em 1980, em Leech Lake, cerca de vinte e cinco quilómetros a noroeste daqui. — Ainda estava a segurar no saco, apontando-lhe a lanterna. O sangue que cobria o amuleto do coração adquiria uma tonalidade preta ou rubi, dependendo de como a luz incidia. — Na altura, eu andava na patrulha numa cidade vizinha. Três miúdas entraram no bosque, duas irmãs e uma amiga. Só uma saiu. Sei que ainda não tinhas nascido, mas nem sequer viste o caso arquivado?

Não lhe devia qualquer explicação, mas se lhe quisesse dar uma, ter-lhe-ia dito que os ficheiros do BCA continham mais de trezentos casos arquivados. Não estava na equipa há tempo suficiente para escolher e liderar as minhas próprias investigações. A análise de dados implicava que eu só trabalhava com o que o Chandler me atribuía, o que, por norma, envolvia estabelecer cronologias e passar ficheiros antigos a pente fino, em busca de algo que tivesse escapado aos investigadores originais. Como o Chandler gostava de dizer: «A resposta está quase sempre no ficheiro.» Por isso é que o departamento deixava sempre os agentes na defensiva, apesar de terem sido eles a chamar-nos. Todos querem justiça, mas poucos a querem às suas custas.

O Comstock tomou o meu silêncio como bem entendeu.

— A rapariga que saiu do bosque — prosseguiu — ficou muda como uma monja durante semanas. A única lesão que sofreu foi já fora da floresta. Caminhou descalça pelo pavimento a esquentar e tiveram de lhe raspar o alcatrão dos pés. A mulher que a encontrou disse que a miúda cheirava a carne de porco assada em lume brando. Disse que ela nem se deu conta e que olhava fixamente como se lhe tivessem roubado a alma.

Desligarmo-nos do nosso corpo era uma reação comum ao trauma, mas fazê-lo ao ponto de ignorar que os pés estavam a assar? Senti um aperto no coração ao imaginar o que aquela pobre criança tinha visto.

— Claro que, em 1980, toda a gente no estado sabia como eram as três miúdas e o que tinham vestido naquele dia. Fez as manchetes dos jornais e abriu noticiários em todos os canais durante semanas. Duas delas, a que saiu da floresta e a amiga que desapareceu, usavam um colar exatamente igual a este — disse, abanando o saco de provas. — Os mesmos cristais à frente e as mesmas gravações atrás.

— A que rapariga pertencia este pendente?

Ambos nos virámos ao ouvirmos um carro aproximar-se, a berlina preta do agente Harry Steinbeck, um cientista forense de renome e um homem tão rígido, que eu até ficava chocada quando ele não trazia a cadeira agarrada ao corpo sempre que se levantava. Tinha considerado a possibilidade de ele ser o cientista destacado para o caso. Só não estava preparada para o calor desconfortável que senti no peito ao constatá-lo.

— É isso que espero que o vosso homem nos possa dizer — comentou o Comstock, apontando para o carro com um gesto da cabeça.

CAPÍTULO 5

Van

O Harry saiu do carro como se tivesse passado por um jantar dos anos 50 a caminho de casa depois do seu trabalho frenético na agência de publicidade. Os sapatos Oxford castanhos estavam engraxados, as calças engomadas e a camisa de linho era do material perfeito para aquele ar abafado. Trazia um chapéu de abas em palha empoleirado na cabeça e uma mala de médico em pele da cor dos sapatos e do cinto.

Dissera-me certa vez que tinha sempre um fato e um estojo de campo à porta de casa e do trabalho para chamadas fora de horas como aquela. Afirmava que era horrível, os locais para os quais éramos convocados, os horrores que homens, mulheres e, por vezes, até crianças infligiam uns aos outros. Não podia emendar essa situação, mas, por respeito às vítimas e às suas famílias, aparecia sempre no seu melhor. Muitas vezes, essas pessoas nem sequer estavam a par do cuidado que ele punha na sua aparência, mas *ele* sabia, assim como os seus colegas no local.

Encontrámo-nos junto à ambulância, onde o Kyle se juntou a nós.

— Ao que tudo indica, uma sepultura em vida, certo? — perguntou-me o Harry.

As minhas sobrancelhas ergueram-se. Ele era apenas sete ou oito anos mais velho que eu, mas falava como se fosse um homem de idade.

— Se queres saber se foi enterrada viva, então sim. A vítima é do sexo feminino, parece ter uns cinquenta e poucos anos.

O Harry esforçava-se por manter o contacto visual, mas o seu olhar estava claramente desejoso por descer e pespegar-se nos rasgões nas minhas calças de ganga pretas. Resisti à vontade de lhe dizer onde estava quando recebi a chamada, para que soubesse que eu não tinha aparecido assim por escolha própria. Tinha-me esforçado muito para reprimir a parte de mim que se preocupava com o que as pessoas pensavam da minha aparência. Não lhe iria dar rédea solta perto do Harry.

— Alguma informação relativa à identidade da vítima? — perguntou ele.

Abanei a cabeça e indiquei a testemunha alguns metros atrás de nós, ainda empoleirada na borda da ambulância, a emanar um cheiro acre. Tinha levantado a cabeça quando nos aproximámos, mas depois deixou-a cair novamente.

— Este é o senhor Shaw. Foi ele quem descobriu a vítima. — Pigarreei. — Fez os possíveis para lhe salvar a vida.

O queixo do Sr. Shaw tremeu, os seus olhos brilhavam como pedras preciosas na paisagem vincada do seu rosto. As camadas de camisas — contei quatro — teriam começado por ser de cores diferentes, mas com o tempo adquiriram a mesma tonalidade castanha.

— Não foi suficiente, pois não? — perguntou ele.

— Sou o agente Steinbeck — apresentou-se o Harry, tirando o chapéu e dando um passo à frente. Estendeu a mão, mas retirou-a suavemente quando reparou nos dedos ensanguentados e em carne viva do Sr. Shaw. — Precisa de cuidados médicos.

— Não quero — disse o Sr. Shaw. A sua idade era difícil de calcular, curvado como estava pela dor. Sessenta? Setenta?

O Harry olhou para o centro do terreno.

— Quantas pessoas estiveram no local?

— O inspetor Comstock — informei, interrogando-me como se dariam os dois. — É o tipo que está ao pé do buraco. Jura que os três agentes que acorreram ao local se mantiveram afastados, por isso restam os paramédicos que foram confirmar a morte e ver do senhor Shaw.

Uma carrinha forense do BCA chegou entretanto. A equipa do Harry. Manteve o foco em mim enquanto estacionavam.

— Viste a vítima? — Uma pergunta de circunstância. Ele tinha-me visto vir do local do crime.

— Vi — respondi, massajando a testa. O pesadelo da noite passada tinha-me privado do sono profundo, e o horror da mulher enterrada viva era um peso ao meu pescoço. Ainda assim, senti algum alívio ao ver o Harry. Tínhamos trabalhado juntos no caso da Assassina do Chá Doce, que nos levava à Costa Rica.

Sabia que o Harry era um bom agente. O melhor.

— Excelente — disse ele, enquanto a sua equipa saía da carrinha e começava a transportar o equipamento. — Podes pôr-nos a par. — Voltou a sua atenção para o Kyle. — Agente Kaminski, por favor, peça aos agentes que ajudem a minha equipa a montar holofotes no perímetro. Vou tratar a área num raio de quarenta e cinco metros em cada direção a partir da sepultura como o principal local do crime.

— É para já — disse o Kyle, afastando-se.

Tive a sensação de que o Kyle queria gritar as ordens, mas teve a sensatez de se dirigir ao trio de polícias do outro lado da ambulância e de falar baixinho enquanto apontava para mim e para o Harry. As duas agentes do grupo olharam para o Harry de modo apreciativo, e eu não podia deixar de lhes dar razão. Ele era um homem bonito.

Olhou com ar aprovador para as luvas e as coberturas de sapatos que eu tinha calçado.

— Antes de analisarmos o local do crime, ajudas-me a recolher provas do senhor Shaw para que as suas feridas possam ser tratadas?

Acenei com a cabeça, comprimindo os lábios numa linha fina.

CAPÍTULO 6

Van

— Não precisamos de esperar por um mandado de busca? — perguntou o Harry enquanto estudava a distância que nos separava do local do crime.

O Sr. Shaw tinha sido convencido a deixar que os paramédicos o levassem para o hospital. Achava que não merecia cuidados, não depois de a ter «deixado morrer». Só quando lhe disse que seríamos mais capazes de reunir provas se não tivéssemos de nos preocupar com ele é que o Sr. Shaw finalmente concordou em ir. Abanei a cabeça.

— Não há necessidade de mandado de busca. O Comstock diz que é propriedade municipal.

— Conheces o inspetor Comstock.

Não se tratou de uma pergunta. Dado o tempo que eu tinha passado na Polícia de Minneapolis, era uma aposta segura. Também percebi onde ele pretendia chegar: queria saber no que se estava a meter.

— Trabalhei com ele no Departamento de Homicídios — confirmei. — Era muito amigo do meu antigo parceiro.

O Harry ergueu o sobrolho.

— Ficou contente por te ver?

— Não. — O lábio do cientista forense contraiu-se. — Ele acha que este crime está relacionado com o das Raptadas. Já ouviste falar do caso?

— Sim — confirmou o Harry, sem ponta de humor. — O que o faz pensar que estão relacionados?

Contei-lhe sobre o colar com o pendente em forma de coração, e sobre o estado do local do crime, terminando o meu relato assim que alguém acendeu os holofotes. Iluminaram o terreno como um cenário de filme. Com o perímetro estabelecido, as agentes do BCA Deepty Singh e Johnna Lewis juntaram-se a nós, com o Kyle logo atrás. Todos os analistas de locais de crime do BCA eram cientistas forenses, mas o Harry requisitava sempre a Deepty e a Johnna para o trabalho no terreno. A Deepty era uma fotógrafa talentosa e a Johnna um génio a localizar vestígios de provas.

— Qual é o plano? — perguntou a Deepty. O seu cabelo preto tornava-se quase azul debaixo da luz intensa. Estava a examinar a área, sem dúvida a planear todos os ângulos para os seus registos. Tinha chegado ao BCA após concluir a licenciatura na Universidade do Minnesota, cinco anos antes, e mantinha-se atualizada em toda a tecnologia digital de campo.

— Seguimos o carreiro — disse o Harry, apontando para o trilho que eu tinha usado.

— Temos a certeza de que o corpo não foi simplesmente descartado aqui? — quis saber a Johnna, uma morena na casa dos 50 conhecida pelo seu estômago de ferro. Os outros agentes do departamento tinham-me dito que ela chegou a examinar um cadáver com semanas encontrado a flutuar num pântano, no pico do verão, sem sequer torcer o nariz. Para o local em causa, tinha vestido um equipamento de proteção branco, optando por uma rede para o cabelo em vez do capuz completo.

— Toda a certeza que é possível ter — disse eu. — O senhor Shaw disse que ela ainda gritava enquanto ele tentava tirá-la de lá. Não tinha pulsação, mas ainda estava quente quando ele finalmente chegou até ela. Vamos ter de esperar pela autópsia para confirmar a hora do óbito, mas não tenho problemas em considerar que é este o local do crime.

A Deepty estremeceu enquanto calçava dois pares de luvas. Usava um macacão de ganga justo.

— Enterrada viva. Quando pensamos que já vimos tudo.

— Vamos fazer como de costume — disse o Harry. Vestiu um fato de *Tyvek*, trocando o chapéu de abas pelo capuz. — Podes fazer um vídeo primeiro, e depois passar às fotografias. Eu e a Johnna vamos procurar provas visíveis e latentes. Quando despachares as fotos, recolhemos todas as provas que se possam perder durante o transporte da vítima e ensacar-lhe as mãos. — Manteve uma postura direita e continuou. — Agente Kaminski, gostaria que trabalhasse com os agentes para vasculhar a área para além da fita policial. Evangeline, apresentas-me ao inspetor Comstock?

Não me agradava que ele usasse o meu nome próprio, em vez do diminutivo, mas já tinha desistido de o convencer a tratar-me por Van. O que me *agradou* foi que ele me pedisse para fazer as apresentações. Seria um sinal para a MPD de que ele respeitava o facto de eu ter sido a primeira agente do BCA no local. Esse subtil reconhecimento de autoridade seria muito útil se isto se tornasse um caso arquivado reativado.

A caminhada até à sepultura foi lenta, tanto eu como o Harry pisámos metodicamente nas marcas pré-existentes, tão delicados como bailarinas.

O Comstock não se tinha mexido do sítio onde eu o tinha deixado.

— Inspetor Comstock — chamei assim que chegámos ao local —, este é o agente Steinbeck. Steinbeck, Comstock.

Os dois acenaram um para o outro antes de o Harry se agachar ao lado da sepultura. Era a segunda vez que eu via a vítima, mas a sensação de arrepio não tinha diminuído. Mais de uma década de trabalho, e nunca antes vira o horror estampado tão vividamente no rosto de outro ser humano. Perguntei-me como teriam sido as suas últimas 24 horas. Teria ela levado uma vida des preocupada, com um emprego das nove às cinco, a criar os filhos e a pagar as contas, até que um dia foi raptada no parque de estacionamento de um supermercado por um louco? Ou será que tinha levado uma vida de sofrimento, prisioneira na sua própria casa, marcando aquela morte brutal um infeliz crescendo?

— Os paramédicos não encontraram qualquer documento de identificação nos bolsos acessíveis — disse eu, revendo o que o Comstock me tinha dito. — As pegadas que mencionei estão ali, para lá daquelas deixadas pelos paramédicos. — Apontei a lanterna para o local, e o feixe foi comido pelos holofotes.

— O que é aquilo? — perguntou o Harry, levantando-se.

— O quê? — inquiriu o inspetor Comstock, afastando-se da sepultura.

O Harry estremeceu.

— Por favor, não pise mais terreno à volta. Pelo menos, enquanto não tivermos oportunidade de analisar a área. — O inspetor Comstock fez uma careta, mas ficou quieto. — Estava a referir-me àquelas reentrâncias — explicou o Harry, apontando.

Avancei em direção ao local a que ele se referia, parando para estudar o chão antes de pousar um pé atrás do outro. O Harry seguiu-me. Estávamos a um metro e meio dos círculos quando as pegadas dos paramédicos acabaram, o que significava que eles não tinham chegado tão longe. Não podíamos dar mais um passo sem contaminarmos o local do crime. Ainda assim, estávamos suficientemente perto para ver que havia quatro círculos no total, cada um do tamanho de uma moeda de 50 cêntimos, equidistantes uns dos outros.

Senti um aperto no estômago.

— Uma cadeira — disse.

— Por que raio haveria de estar aqui uma cadeira? — perguntou o Comstock de onde se encontrava, ao lado da sepultura.

Eu e o Harry trocámos um olhar.

— O assassino obrigou-a a vê-lo cavar a sepultura onde a enterraria — concluí.

Um policial sombrio e inquietante sobre trauma, perda da inocência e o peso brutal daquilo que ficou para trás.

Minnesota, verão de 1980

Três meninas aventuram-se a entrar numa floresta, apesar da lenda local sobre o Homem de Borracha, que as assombra implacavelmente. Apenas uma regressa naquele dia, envolta num silêncio mortal, e sem qualquer memória do que aconteceu. O mistério que rodeia as Raptadas toma o país de assalto.

Verão de 2022

A inspetora Van Reed e o cientista forense Harry Steinbeck são destacados para um caso de homicídio perturbador: uma mulher foi enterrada viva e, na sua mão, descobriu-se um colar pertencente a uma das meninas desaparecidas. Se Van Reed segue o seu instinto, Harry baseia-se em factos, mas ambos estão desesperados por encontrar o assassino antes que ele mate novamente — e ambos estão ligados ao caso original, de maneiras que dificilmente quererão partilhar.

À medida que a equipa consegue relacionar o crime que tem em mãos com o outro cometido há décadas, Van Reed luta contra memórias da sua própria infância de pesadelo, e contra o medo de que a descoberta da verdade sobre as Raptadas a leve por um caminho do qual também ela possa nunca mais regressar.

«Não nos conseguimos lembrar de outro thriller psicológico que tão bem tenha conseguido criar uma tal dicotomia de sentimentos relativamente à sua protagonista, algo que demonstra inegavelmente o talento de Jess Lourey.»

Publishers Weekly



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-927-8



9

789895 839278